



Feminismos e Movimentos Sociais em tempos de Globalização: o caso da MMM

Manuela Tavares¹

Almerinda Bento²

Maria José Magalhães³

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas três décadas, as transformações ocorridas no mundo, nos planos económico, social, cultural, político e tecnológico têm assentado num processo crescente de globalização cujo cariz neoliberal tem gerado novas contradições e um acentuar das desigualdades. Associado a este processo surgem movimentos sociais mobilizadores de milhares de pessoas em fóruns internacionais. Porto Alegre, Florença, Paris e Mumbai são referências de debates plurais onde os feminismos ganham outras interacções. Redes mundiais como a Marcha Mundial de Mulheres parecem revelar *novas* formas de intervenção pela diversidade e criatividade de outras gerações de mulheres.

¹ Doutoranda em Estudos sobre as Mulheres, Universidade Aberta, com o tema: "Feminismos na segunda metade do século XX, em Portugal". Investigadora do CEMRI - Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais.

² Professora, membro da direcção da UMAR e sua representante na Coordenadora Europeia da Marcha Mundial de Mulheres.

³ Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Esta comunicação pretende reflectir sobre a dimensão dos movimentos feministas na sua interacção com os movimentos dos fóruns sociais, à luz de documentação recolhida e do envolvimento directo em reuniões e fóruns nacionais internacionais. Partindo da reflexão e experiência de feministas portuguesas, pretende-se levantar interrogações sobre a eventualidade de atravessarmos uma nova fase no movimento feminista em Portugal e a nível internacional. Será que a emergência de redes e acções mundiais na área dos feminismos nos conduz a uma ideia de "feminismo global", reforçando factores identitários homogéneos; ou a diversidade e a pluralidade de sujeitos e acções marcam os feminismos nestes tempos de globalização? Que relação se tem estabelecido entre os movimentos alterglobalização e aquelas redes, nomeadamente a Marcha Mundial Mulheres? Qual é o significado da articulação feminista no seio do movimento dos fóruns? Como é que os feminismos e estes movimentos sociais articulam ou não as suas agendas e de que forma o fazem?

Com este trabalho não se pretende esgotar a análise do movimento feminista — por exemplo, da participação de outras redes e em outros movimentos — mas tão só constituir-se como um contributo para “repensar a temporalidade do feminismo” (Ahmed et al. 2000: 6-7) nestes tempos de globalização, procurando abrir pistas para a reflexão futura sobre os feminismos.

2. Estes tempos de globalização...

Um dos traços que define a globalização é a politização generalizada da cultura, especialmente nas lutas pela identidade e diferença - as lutas pelo reconhecimento, que explodiram nos últimos anos. A viragem para o reconhecimento representa um alargamento da contestação política para além das lutas pela justiça distributiva. Já não restrita ao eixo da classe, a contestação abarca agora outros eixos de subordinação, incluindo a diferença sexual, a "raça", a etnicidade, a orientação sexual,.. (FRASER, 2002).⁴ Neste âmbito, que significado poderá ser atribuído ao movimento feminista perante o debate, ainda actual, sobre a relevância ou inutilidade da sua existência, articulado com a emergência de perspectivas teóricas pós-estruturalistas e pós-

⁴ FRASER, Nancy, "A justiça social na globalização: redistribuição, reconhecimento e participação", in *Revista Crítica das Ciências Sociais*, Outubro, 2002, pp.7-20.

modernas, que trazendo novos desafios às teorias e práticas feministas, não deixaram de provocar também a possibilidade da sua erosão (MAGALHÃES, 2002)?⁵

Como afirmam Sara Ahmed, Jane Kilby, Celia Lury, Maureen McNeil e Beverly Skeggs, “vivemos num mundo de mudanças permanentes e contínuas e mesmo assim, muitas de nós sentimos que houve pouca transformação significativa: estádios de mudança parecem ser ao mesmo tempo lugares comuns e efémeros” (2000: 5).

A globalização, ao exacerbar as desigualdades sociais, mostrou que as mudanças tecnológicas, laborais, culturais, políticas e sociais dos últimos quarenta anos provocaram rupturas mas reforçaram também continuidades na opressão, subordinação e exploração das mulheres.

A lógica da dominação introduziu, nas últimas duas décadas, no cenário mundial “novas dimensões transnacionais de sofrimento humano e opressão social mas também criou o potencial para a transnacionalização da resistência” (SANTOS, 1995:328).⁶ É neste quadro que surgem os movimentos ‘alterglobalização’, cuja expressão se evidencia nos fóruns sociais mundiais, regionais e nacionais.

Os feminismos que sempre se caracterizaram por uma dimensão internacionalista não ficaram fora deste “movimento dos movimentos”, tendo introduzido nos fóruns sociais temas fundamentais para a reflexão e acção política.

3. OS FEMINISMOS E OS MOVIMENTOS SOCIAIS

3.1 - Feminismo como movimento social

Na Europa e nos Estados Unidos, assistiu-se a um novo impulso dos feminismos como movimento social, nas décadas de 1960 e 1970, em contraste com um certo apagamento dos feminismos, nos anos 1980 e 90. A pluralidade expressa em diversas correntes e na multiplicidade dos sujeitos mulheres⁷, a autonomia e a crítica aos paradigmas tradicionais da ciência foram marcas do feminismo da época.

⁵ MAGALHÃES, Maria José, "Em torno do conceito de agenda feminista", in *Ex Aequo*, nº 7, APEM, Celta, 2002, pp. 189-198.

⁶ SOUSA, Boaventura de Sousa (1995), *Towards a new common sense- law, science and politics in the paradigmatic transition*, London, Routledge.

⁷ Contributo do feminismo negro e das críticas das mulheres do terceiro mundo ao chamado "feminismo branco".

Em Portugal, silenciado, porque incómodo, não assumido por muitas mulheres por receio de marginalização, o termo feminismo não fez parte do vocabulário político das décadas de 1970 e 1980, apesar da conquista da democracia e da intervenção de grupos e associações de mulheres que colocaram na agenda política a despenalização do aborto e da presença, nesses grupos, de mulheres que se assumiram como feministas.

Mais ainda, a pouca visibilidade dos feminismos, no nosso país, tem levantado a interrogação sobre a sua projecção como movimento social. Estudos recentes, sobre as décadas de 1970 e 1980, afirmam a existência de movimento feminista em Portugal corporizado em diversas correntes, embora a “insuficiência teórica e a falta de debate tivessem sido uma das suas marcas” (TAVARES, 2000)⁸.

A forma como se conceptualiza os movimentos sociais pode constituir também um entrave à análise dos feminismos como movimento social. “Se tivermos em conta, como quadro de referência, um paradigma clássico de análise (em que o movimento social é identificado com grandes organizações de massas, hierarquicamente organizadas, estrategicamente orientadas com reivindicações claras e unificadoras) então o feminismo não é um movimento social, nem em Portugal, nem nos outros países” (MAGALHÃES, 1998).⁹ Um outro quadro de referência, defendido por Maria José Magalhães, baseado em Offe (1985)¹⁰, conceptualiza um movimento social com base num conjunto de actores sociais que clamam por ser reconhecidos e em modos de acção que expressem reivindicações explícitas. Apontando-se como características da intervenção feminista a sua diversidade, o corte com a dicotomia público/privado (“o pessoal é político”), a criatividade nas formas de acção, a informalidade no funcionamento, poderemos considerar que estamos perante um movimento social já inserido no que usualmente se designa por “novos movimentos sociais”. As questões centrais deste tipo de movimentos prendem-se com temas como os direitos humanos, a paz, o ambiente (OFFE, 1985) e ainda assuntos tidos como privados: a sexualidade, a violência doméstica, a contracepção, o aborto, temáticas abarcadas pelo movimento feminista.

Estes movimentos agem segundo formas de democracia participativa, longe das lutas originais pela cidadania que tinham fins bem claros face a uma democracia

⁸ TAVARES, Manuela (2000), *Movimentos de mulheres em Portugal – décadas de 70 e 80*, Lisboa, Livros Horizonte.

⁹ MAGALHÃES, Maria José (1998), *Movimento Feminista e Educação, décadas de 70 e 80*, Oeiras, Celta Editora.

¹⁰ OFFE, Claus (1985), “New Social Movements: challenging the boundaries of institutional politics”, in *Social Research*, vol. 52, n° 4, pp.817-868.

representativa (Santos 1992:167)¹¹. Para Merlucci (1995),¹² os novos movimentos sociais deixaram de se identificar com sujeitos unificados agindo historicamente em direcção a um determinado fim. “Nas sociedades de hoje, os conflitos tendem à generalização e penetram as esferas pública e privada da vida social,... os problemas ligados à esfera da educação, da família, da emancipação da mulher, as lutas sociais urbanas, as minorias raciais, os jovens,... não devem continuar a ser entendidos como secundários ou derivados das contradições do campo produtivo” (RODRIGUES, 2000).¹³ O feminismo, como movimento que procura “pôr fim à dominação masculina”, no dizer de Jane Mansbridge¹⁴, tem-se manifestado como um “movimento social transformador, que desafia o patriarcalismo, ao mesmo tempo que esclarece a diversidade das lutas feministas...”¹⁵ (CASTELLS, 2003).

Apesar das muitas reflexões teóricas que põem em causa a procura de características comuns das mulheres como um sujeito uno, como um colectivo social¹⁶, as actuais mobilizações de mulheres a nível mundial em torno dos fóruns sociais e de redes internacionais feministas, podem levantar a necessidade de reconceptualização das mulheres como grupo social sem o essencializar ou normalizar. Sem uma concepção das mulheres como colectivo social, a política feminista perde consistência... E não será possível conceptualizar a opressão como um processo sistemático, estrutural e institucional (YOUNG, 2003)¹⁷. Será ainda, deixar-nos amarrar ao individualismo liberal que nega a realidade dos grupos, segundo o dizer de Young.

3.2. Feminismos e internacionalismo

O nascimento do feminismo enquanto movimento organizado teve sempre uma dimensão internacionalista, como pode ser constatado pelas diversas iniciativas de carácter internacional entre as quais, a Conferência Internacional das Mulheres em Copenhaga, 1910, ainda neste ano o I Congresso Feminista Internacional na Argentina

¹¹ SANTOS, Boaventura, Sousa (1991), "Subjectividade, cidadania e emancipação", *Revista Crítica das Ciências Sociais*, 32, pp. 135-191.

¹² MELLUCI, Alberto (1995), "The new social movements revisited: reflections on a sociological misunderstanding", in Louis Maheu (org.) *Social Movements and Social Classes-The future of Collective Action*, London, Sage Publications, pp.107-119.

¹³ RODRIGUES, Maria Eugénia (2000), “Globalização e Ambientalismo”, Dissertação de Mestrado sob orientação do Prof. Boaventura Sousa Santos, Univ. de Coimbra, p. 26.

¹⁴ MANSBRIDGE, Jane (1995), "What is the Feminist Movement" in Ferree e Martin (cords) pp.27-34.

¹⁵ CASTELLS, Manuel (2003), *A era da informação: economia, sociedade e cultura- o poder da identidade*, vol.II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, p. 211.

¹⁶ Elizabeth Spelmar, Judith Butler, Candra Mohanty, referidas em YOUNG, Iris, Marion, "O género como serialidade, pensar as mulheres como um colectivo social", in *Ex-Aequo*, nº 8, 2003, pp.113-119.

(Conceição Nogueira e Sofia Marques da Silva 2003: 10), em 1920, o Congresso de Feministas Internacionais em Genebra, organizado pela Aliança Internacional para o Sufrágio das Mulheres (Carolina Carvalho e colegas 2003)¹⁸.

Em Portugal, na década de 1920, considerada por João Gomes Esteves (2004) como “a década de ouro dos feminismos” no nosso país, a ligação internacionalista fez-se sentir aquando da realização do I Congresso Feminista e de Educação em 1924 que teve um largo leque de representantes internacionais.

Contudo, no período da ditadura do Estado Novo, houve um corte com os laços internacionais, fruto do isolamento do país face ao exterior e a um certo apagamento do feminismo internacional por via dos dois grandes conflitos mundiais. Em relação às organizações de mulheres neste período, as investigações realizadas não trouxeram ainda luz sobre eventuais ligações internacionais (Serralheiro XXXX, Gorjão XXXX).

A investigação até agora realizada parece apontar que só em 1972, se retomam, no nosso país, os laços internacionais através do movimento de solidariedade com as “Três Marias” e o caso das Novas Cartas Portuguesas.

Com a Conferência das Nações Unidas, em 1975, no México, em que 4000 mulheres, num Fórum paralelo, teceram redes de contactos, iniciou-se um período marcado por uma certa institucionalização dos movimentos de mulheres que reuniam segundo a agenda política das Nações Unidas e outras instituições internacionais, em que o grau de autonomia dos movimentos feministas fica fragilizado.

No entanto, os anos de 1980 e 1990 que tiveram em comum uma mobilização das mulheres em torno destas conferências internacionais (Nairobi (1985), Viena (1993), Cairo (1994) e, sobretudo, Pequim (1995)) foram momentos de reflexão e de tentativa de comprometer governos com plataformas de acção para eliminar discriminações, inserindo-se oficialmente os direitos das mulheres na área dos direitos humanos.

Estas conferências permitiram novas alianças, ainda que efémeras e frágeis, entre as diversas perspectivas e correntes do movimento, nomeadamente, entre as Mulheres do Sul e as do Norte, entre liberais e marxistas, entre as defensoras dos direitos das lésbicas e as militantes e as militantes pelo direito ao aborto, entre a luta contra a pobreza e as reivindicações ecológicas (Sum 2000).

¹⁷ YONUG, Iris, *op. cit.*

¹⁸ Sem espaço para aqui se desenvolver, podemos referir, entre outras, organizações que marcaram exactamente este carácter internacionalista do movimento feminista: Conselho Internacional das Mulheres, criado em 1888, em Washington; a Aliança Internacional pelo Sufrágio das Mulheres, criada em 1904, o Global Network On Reproductive Rights, nos anos 1970/80, a Coordenadora Europeia das Mulheres, nos anos 1980, o Lobby Europeu das Mulheres, nos anos 1990.

Os anos de 1990 são apontados como a década em que os movimentos feministas se globalizaram. Contudo, diversas análises atribuem esse processo à sua crescente afirmação nas esferas da política internacional com a realização das Conferências das Nações Unidas sobre Direitos das Mulheres. Não pondo em causa o impacto destas conferências, não se pode limitar a análise desse processo de globalização a essa esfera mais institucional. Encontros regionais de feministas, por exemplo, na América Latina, traçaram redes de militância e de solidariedades nas décadas de 1980 e 1990 citar os encontros em nota de rodapé.¹⁹ Ao mesmo tempo que se encerrava o ciclo de conferências das Nações Unidas crescia um desencanto nas feministas que tinham participado nessas realizações.

Tudo indica que um novo salto qualitativo no feminismo internacional se dá com o Movimento da Marcha Mundial das Mulheres que surge da constatação de que os compromissos internacionais assumidos entre os governos e as Nações Unidas ficavam no papel.

Pela primeira vez, nesta nova fase, de forma autónoma em relação às instituições, sem ser debaixo do chapéu de chuva das Nações Unidas e com uma agenda política própria, no início do novo século, 100 mil mulheres mobilizaram-se em 159 países contra a pobreza e a violência, em torno da Marcha Mundial de Mulheres.

Estaremos perante um novo movimento internacional e intergeracional de mulheres? Poderemos falar de uma ligação entre a geração feminista das décadas de 60 e 70 do século passado e as novas gerações de mulheres alterglobalização ?

3.3. Os Feminismos e os Fóruns Sociais Mundiais

A globalização das lutas sociais traduz-se, também nas lutas das mulheres, em novas formas de organização. Redes mundiais²⁰ como a Marcha Mundial de Mulheres ganham peso e criam novas formas de acção. Há que considerar que esta não é só uma

¹⁹ O primeiro destes encontros realizou-se em 1981, em Bogotá, na Colômbia. Está previsto para Dezembro de 2005 o 10º encontro, no Brasil.

²⁰ Existem várias redes de carácter mundial ou regional: Articulação Feminista Marcosur (associações de mulheres da América do Sul); International Gender and Trade Network; Rede Latinoamericana de Mulheres transformando a Economia; Rede Dawn; Rede Latinoamericana de Caribenha de Mulheres Negras; Rede Mundial de Mulheres pelos Direitos Reprodutivos; Rede Mulher e Habitat; Rede de Educação Popular entre Mulheres; Articulação de Mulheres CLOC/Via Campesina; Diálogo Sur/Sur LGBT; Marcha Mundial de Mulheres, entre outras.

característica do movimento feminista. "Os movimentos sociais contemporâneos, envolvidos em conflitos políticos e culturais têm produzido significados que circulam em redes entre uma pluralidade de actores que assumem uma identidade partilhada" (MARTINS, 2001).²¹

Os Fóruns Sociais Mundiais têm dado corpo a “um movimento alterglobalização cuja identidade é marcada pela sua diversidade na tentativa de responder à multiplicidade de actores e de causas que o nutrem”.²² O trabalho em rede, procurando colocar diversas causas em interacção, tem sido uma vertente destes movimentos sociais permeáveis ao contágio com os feminismos.

Uma das características desta nova fase de interacção é a forma como se constroem as agendas e como se articulam.

Uma questão transversal ao movimento feminista dos anos 1960 e 70 passa pela aceitação das diferentes reivindicações, sem hierarquização.

Nos movimentos dos fóruns sociais registamos que esta mesma concepção constitui uma importante referência ao não se colocar a ideia de que uma “contradição principal” subordina todas as outras, verificando-se uma articulação entre as contradições, o que resulta numa conjugação de agendas, sem priorizar umas em relação às outras.

Esta postura — que às vezes traz conflito — tem sido feita na base do reconhecimento e clarificação das diferenças na ideia de que este caminho pode levar a um nível superior de reflexão e acção.

Segundo Nadia De Mond:²³ ”O movimento de mulheres introduziu nos fóruns sociais temas fundamentais numa perspectiva de emancipação. Não apenas uma óptica de género transversal para interpretar o mundo mas também conceitos fundamentais como a multiplicidade de sujeitos o que implica a não subordinação de uma contradição em relação à outra e a recusa de um única direcção do processo. Uma abordagem holística que integre as várias esferas da vida numa perspectiva de mudança tem sido outro dos contributos.”

Embora com diferentes opiniões, as mulheres que se têm envolvido nos diversos fóruns sociais reconhecem a importância da participação feminista no sentido de:

²¹ MARTINS, Susana da Cruz, "Associações e Modos de Acção Colectiva no âmbito dos Novos Movimentos Sociais", Dissertação de Mestrado na área da "Comunicação, Cultura e Tecnologia da Informação", ISCTE, Orient. de António Firmino da Costa, Junho de 2001, p. 7.

²² WASSERMAN, Gilbert, « Comment gérer les divergences et les différences ? », in AA (2003) *Où va le mouvement altermondialisation ?*, Paris, La Découverte, 2003, p.12.

²³ Extracto de depoimento publicado no livro *Où va le mouvement altermondialization? (op.cit)*, p. 63. Nadia Demond é uma das representantes da Marcha Mundial das Mulheres no Comité Internacional dos Fóruns Sociais Mundiais.

- "Estreitar a relação entre o movimento feminista e o movimento por uma outra globalização, inscrevendo aí as nossas prioridades e fortalecendo as possibilidades de uma verdadeira transformação social". Até porque, *um outro mundo sem o feminismo é impossível*. No FSM ainda há resistências em interpretar o patriarcado como um sistema político e social que sustenta a globalização neoliberal"²⁴ (Diane Matte)²⁵
- "Afirmar a agenda feminista no contexto das lutas antiglobalização...Fazer com que o discurso feminista como um projecto global para a humanidade interaja com o conjunto do Fórum....Questionar padrões centralizadores e patriarcais de desenvolvimento e apresentar estratégias alternativas".²⁶ (Miriam Nobre e Nalu Faria)²⁷
- "Criar uma relação dialéctica entre o movimento de justiça global e o movimento feminista, sendo que esta articulação não é fácil, como refere Sonia Correa ²⁸ porque implica uma dupla estratégia: comprometer-se com as lutas colectivas dos movimentos sociais e ao mesmo tempo tentar transformar a sua perspectiva em relação ao feminismo".²⁹ (Virginia Vargas)³⁰

Há ainda quem afirme que os fóruns sociais são espaços para construção dos feminismos (Magdalena León T.)³¹ ou para o seu maior crescimento e renovação (Nadia De Mond). Contudo, existem estratégias diferentes das feministas quanto à sua participação nos fóruns sociais: - as que insistem na necessidade de um espaço e de uma programação própria para as mulheres dentro do fórum³², na medida em que este proporciona um momento e lugar de criação própria e de maior visibilidade; e as que apostam em conseguir uma maior inserção em todos os espaços dos fóruns, argumentando que actividades paralelas não são uma boa estratégia, na medida em que

²⁴ ALVAREZ, Sonia E., "Um outro mundo (também feminista...) é possível: construindo espaços transnacionais e alternativas globais a partir dos movimentos", in *Estudos Feministas*, CFH/CCE/UFSC, volume 11, nº 2/2003, p. 537.

²⁵ Diane Matte é canadiana e coordenadora da Marcha Mundial de Mulheres.

²⁶ NOBRE, Miriam, FARIA, Nalu, "Feminismo em movimento: temas e processos organizativos da Marcha Mundial de Mulheres no Fórum Social Mundial", in *Estudos Feministas*, CFH/CCE/UFSC, volume 11, nº 2/2003, pp. 623-631.

²⁷ Membros da organização brasileira SOF - Sempre Viva Organização Feminista.

²⁸ CORREA, Sonia, "Globalização y fundamentalismo: un paisaje de género". *Suplemento DAWN*. Documento em Web: <http://dawn.org.fj/publications/docs/WSFsupport.doc>, 20 Dezembro 2003.

²⁹ VARGAS, Virginia, CELIBERTI, Lilian, "Feministas en el Foro", in *Estudos Feministas*, CFH/CCE/UFSC, volume 11, nº 2/2003, p. 591.

³⁰ Virginia Vargas é membro da Rede Articulación Feminista Marcosur que lançou nos fóruns sociais a campanha: "Contra os fundamentalismos o fundamental é a gente".

³¹ Investigadora do Instituto de Estudos Equatorianos.

³² No II e III FSM em Porto Alegre um conjunto de organizações de mulheres brasileiras organizaram um plano de actividades próprio numa tenda branca a que chamaram "Planeta Fêmea", retomando uma ideia que surgiu na Eco 92, no Rio de Janeiro, quando se discutia a "Agenda 21 para as Mulheres".

guetizam as posições feministas, não permitindo novas alianças.³³ Maria Betânia Ávila, do SOS-Corpo e da Articulação das Mulheres Brasileiras, reflectindo sobre as relações desiguais de poder que ainda existem dentro dos fóruns sociais mundiais, não deixa de afirmar que "este é um espaço onde o feminismo tem um *locus* profundo para tecer alianças,... mas também para agir no sentido de marcar a sua contribuição para uma forma democratizada da política".³⁴ No primeiro Fórum Social Mundial, em 2001, 52% dos participantes eram mulheres. Mas esta presença foi pouco reflectida nas mesas dos debates. No segundo FSM, a presença foi mais marcante. As feministas conseguiram impor um painel sobre "Cultura da violência. Violência doméstica" num dos eixos temáticos principais do Fórum: "Afirmação da sociedade civil nos espaços públicos", para além de outros debates com mulheres convidadas de diferentes partes do mundo. Todavia, o salto mais significativo foi dado no III Fórum, também em Porto Alegre, em 2003, quando a responsabilidade da organização dos painéis de dois dos cinco eixos temáticos coube às feministas através de redes como a Marcha Mundial de Mulheres que organizou o eixo sobre "Direitos Humanos" e a Articulação Feminista Marcosur que organizou o eixo "Democracia, sociedade civil e poder político". Das 1700 actividades desta terceira edição do FSM, o segundo tema mais tratado foi "o género como meio de desenvolvimento sustentável". Em Mumbai, no IV Fórum Social Mundial, em 2004, a participação das mulheres dos meios mais populares foi muito forte. O Fórum transbordou em muito o espaço das conferências. Iniciativas de mulheres, das mais diversas, nas ruas de Mumbai foram a marca de um fórum muito diferente dos outros, em termos de composição social.

Correntes diferentes do feminismo acabam por se expressar no contexto dos fóruns sociais com interesses temáticos e de agenda diversos. "Os feminimos chegam a este processo global de forma diferente do passado. Quer dizer, não como uma identidade única, não como uma hipotética *irmandade feminista global*, que descontextualiza e despolitiza o seu presente, ao aludir a uma forma compartimentada e hegemónica de ser mulher, nem a uma única forma de posicionamento como feministas".³⁵

³³ Insere-se nesta opção a Marcha Mundial de Mulheres que desde a primeira edição do FSM em 2001, se inseriu na programação do Fórum, procurando influenciar e marcar presença na organização de debates e conferências inseridos nos eixos temáticos principais.

³⁴ ALVAREZ, Sonia E., op. Cit. p. 538.

³⁵ VARGAS, Virginia, CELIBERTI, Lilian, "Feministas en el Foro", in *Estudos Feministas*, CFH/CCE/UFSC, volume 11, nº 2/2003, p. 589.

3. A MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES - FEMINISMO GLOBAL OU FEMINISMO DA SOLIDARIEDADE, DIVERSIDADE E MUDANÇA?

Há quem considere que as “marchas” são formas de acção privilegiadas dos movimentos sociais e políticos.³⁶ Formas historicamente transitórias de protesto, para outros³⁷, as marchas não excluem outros modos de acção colectiva como petições, greves, manifestações,... Política como gesto em contraste com a esfera do discurso ou da escrita, as marchas multiplicaram-se no último quartel do século XX – a Marcha Verde, em 1975, a Branca vinte anos depois nas ruas de Bruxelas, Negra à imagem dos mineiros romenos que marcharam sobre Bucareste, multicores com os Zapatistas, com os desempregados europeus ou com as mulheres do Quebec. Esta configuração cromática dá conta da amplitude e da diversidade desta forma de mobilização.

De acções de mobilização pontuais em torno de um conjunto de reivindicações, as marchas podem constituir-se em plataformas de acção de carácter mais permanente. Assim tem sido com a Marcha Mundial de Mulheres que se define como uma rede feminista mundial cujo papel não se esgotou com as acções realizadas em mais de 150 países no ano 2000 e que "envolveram mais de 6 000 grupos de mulheres"³⁸.

A ideia de uma Marcha Mundial de Mulheres, no ano 2000, que tivesse como principais lemas a luta contra a Violência e a Pobreza foi lançada em 1995 a partir da 4ª Conferência Mundial das Nações Unidas sobre Direitos das Mulheres em Pequim, nas reuniões e acções das ONGs em Huairou.³⁹

XXXX

Em Outubro de 1998, a Federação das Mulheres do Quebec⁴⁰ tomou a iniciativa de realizar um encontro internacional onde se fizeram representar organizações de defesa dos direitos das mulheres de todos os continentes.⁴¹ Estava lançado um novo

³⁶ DEBOUZY, Marianne, “Les Marches de protestation aux États-Unis (XIX-Xxème siècles), in *Le Mouvement Social*, nº 202, Janvier-Mars, 2003, pp.15-41.

³⁷ PIGENET, Michel e TARTAKOWSKY, Danielle, « Les Marches en France aux XIX-Xxème siècles, récurrence et métamorphose d’une démonstration collective, in *Le Mouvement Social*, nº 202, Janvier-Mars, 2003, pp. 69-94.

³⁸ *Femmes en Marche-regards sur les actions et revendications de la Marche Mondiale des Femmes*, 2002.

³⁹ Huairou foi a cidade, a cerca de 20 Km de Pequim, que albergou todas as iniciativas das ONGS.

⁴⁰ A Federação das Mulheres do Quebec foi fundada em 1966, afirmando-se como uma organização feminista e pluralista. Tinha já tido a experiência de mobilização de mulheres numa Marcha realizada com grande êxito em 1995 com o lema “pelo pão e pelas rosas”. Tratou-se de uma marcha contra a pobreza em que 850 mulheres marcharam durante 10 dias tendo sido acolhidas por 15 000 pessoas no final da marcha. Este acontecimento mobilizou o movimento feminista e teve apoio de largos sectores da população.

⁴¹ Nesta reunião esteve presente Helena Pinto, presidente da UMAR.

processo de ligação mundial das mulheres fora do "chapéu de chuva" das Nações Unidas, com agendas políticas autónomas.

Na altura, foram definidos os seguintes objectivos para a MMM: - agir contra a pobreza e a violência exercida sobre as mulheres; estimular, nesse sentido, um vasto movimento de solidariedade de grupos de mulheres de base, de modo que a Marcha constituísse um gesto de afirmação das mulheres do mundo; promover a igualdade entre mulheres e homens; pressionar os governos e principais decisores internacionais a efectuar as mudanças que se impõem para melhorar a qualidade de vida das mulheres no mundo; assinalar a entrada no novo milénio e mostrar a determinação das mulheres, de ontem e de hoje, de mudarem o mundo. Como valores deste projecto foram definidos os seguintes: a liderança da organização está nas mãos das mulheres; todas as regiões do mundo partilham a liderança da acção; os grupos participantes que adiram aos objectivos e ao plano de acção global da Marcha permanecem autónomos quanto à organização das acções nos seus países; o respeito e valorização da diversidade do movimento de mulheres; a Marcha é uma acção pacifista.

O respeito pela diversidade tem sido uma das vertentes da Marcha Mundial de Mulheres como se pode constatar pelos seus documentos: “ No decurso dos anos, aprendemos também, como movimento de mulheres, que não podíamos ignorar a diversidade das realidades em que vivem as mulheres e que a solidariedade entre nós não se podia realizar sem reconhecer essa diversidade. O projecto da Marcha deve pois ser um projecto flexível, que identifique os pontos comuns levantados pelos diversos movimentos de mulheres através do mundo, em ligação com as problemáticas da pobreza e da violência sobre as mulheres. O projecto propõe acções comuns e convida os grupos a insuflar a sua diversidade e a organização que sejam adequadas à sua realidade”.⁴²

As acções desenvolvidas em 159 países em torno deste projecto da Marcha Mundial de Mulheres culminaram com uma manifestação de mais de 10 mil mulheres em Nova Iorque, no dia 17 de Outubro de 2000. Uns dias antes, a 14 de Outubro, na Europa, em Bruxelas, 30 mil pessoas, na esmagadora maioria mulheres, marcharam contra a violência e a pobreza e em Portugal, no dia 7 de Outubro, realizou-se uma manifestação com características semelhantes.

Em Nova Iorque foram entregues às Nações Unidas cinco milhões de assinaturas exigindo dos governos medidas concretas contra a pobreza e a violência sobre as

⁴² Folheto da Marcha Mundial de Mulheres traduzido por Almerinda Bento quando da formação de um coordenadora portuguesa da MMM em Portugal.

mulheres. O Diário de Notícias de 18 de Outubro referia-se a este acontecimento da seguinte forma: "Na manhã fria e cinzenta de Outono em Nova Iorque, ontem, 159 ciclistas - uma por cada um dos países participantes na Marcha Mundial de Mulheres – partiram do Bronx para a sede da ONU na zona central de Manhattan. No Parque Dag Hammarskjold juntaram-se representantes de mais de 5 mil organizações não governamentais, que formaram um cordão de solidariedade para entregar milhões de assinaturas exigindo a erradicação da pobreza e da violência"⁴³

Após 2000, a Marcha tem continuado a reunir na Europa e em outros continentes.⁴⁴ Em Março de 2003, realizou-se o quarto encontro internacional na Índia onde se preparou um plano de acção mundial para 2005 - uma Carta Feminista para a Humanidade a passar de mão em mão, de país para país, de região para região, entre 8 de Março e 17 de Outubro de 2005. Continuando a valorizar a diversidade, a Marcha assumiu-se, nessa reunião, como "um movimento internacional de mulheres autónomo, transparente, democrático e criativo em ligação com outros movimentos sociais".⁴⁵ A próxima reunião internacional está prevista para Dezembro de 2004 no Ruanda. Contudo, sobre a diversidade da MMM existem opiniões que revelam alguma insatisfação. Charlot Pierik representante da Holanda na Coordenadora Europeia considera que apesar de se falar dos problemas das mulheres imigrantes elas ainda não estão presentes a participar.

A valorização de acções mundiais em tempos de globalização não significa aplinar identidades nem construir um movimento único. Não nos parece que estejamos perante um "feminismo global" como sujeito soberano e unificado. Como afirma Rosi Braidotti, há necessidade de renomear o sujeito feminista como uma entidade múltipla, aberta e em sintonia.⁴⁶ A Marcha Mundial de Mulheres ao valorizar as diferenças, ao estimular a criatividade das acções das diferentes associações ou grupos de mulheres, ao organizar-se em rede revela, decerto, uma nova forma de feminismo, a ser estudado – o da solidariedade e diversidade, orientado para a mudança social e política. Esta componente de mudança, de luta contra situações sociais penalizadoras da vida das

⁴³ Diário de Notícias de 18 de Outubro de 2000, p.19.

⁴⁴ A sua mais recente reunião aconteceu em Portugal com a Coordenadora europeia da MMM em 24 de Fevereiro de 2004 para avaliar a Assembleia Europeia de Mulheres no Fórum Social Europeu em Paris (O FSE decorreu entre 12 a 15 de Novembro de 2003) que teve a participação de mais de duas mil mulheres e, ainda, para preparar a acção europeia da MMM em Vigo, a 22 e 23 de Maio, assim como as acções da Marcha em 2005, a nível mundial.

⁴⁵ "La Marche Mundial de las Mujeres un movimiento irreversible", in *Boletín de Enlace-MMM*, Maio, 2003.

⁴⁶ BRAIDOTTI, Rosi (2002), "A diferença sexual, como um projecto político nómada", in MACEDO, Ana Gabriela, *Género, Identidade e Desejo*, Lisboa, Livros Cotovia, p.160.

mulheres, como é o caso da pobreza, tem sido articulada com a vertente da opressão patriarcal geradora igualmente de grandes discriminações.

4. NOVA ONDA DOS FEMINISMOS? NOVAS GERAÇÕES DE MULHERES?

O processo dos fóruns sociais tem fomentado o crescimento da consciência feminista junto de muitas jovens que se tornaram activistas nos caminhos de Seattle e Porto Alegre e que viram com interesse a presença de uma vertente de intervenção feminista nos fóruns. A emergência de novos sectores do feminismo com poucos pontos de contacto com o chamado feminismo "histórico", como é o caso dos grupos de acção directa, das jovens da "next generation", das jovens imigrantes que nas ruas de França marcharam sob o lema "Nem putas, nem submissas" contra as novas formas de opressão das raparigas que habitam nas periferias dos grandes centros urbanos, aponta para a existência de uma nova geração de feministas com posições políticas e estratégias diferentes. Também as jovens estudantes dos "gender studies" nas universidades, assim como jovens que trabalham em ONGs se inserem nesta nova geração.

Julia Di Giovanni, uma jovem italiana participante no acampamento da juventude no 3º FSM, em Porto Alegre, afirmava, nessa altura: "Estas jovens são portadoras de um feminismo renovado porque precisam de responder continuamente a desafios históricos que se colocam hoje, não apenas para o feminismo, mas também para o conjunto dos projectos emancipatórios dos quais *o movimento dos movimentos* pretende ser canal de convergência".

Uma das questões colocadas na introdução a esta comunicação situava-se no relacionamento intergeracional de mulheres neste novo patamar do feminismo. Esse relacionamento existe entre as mulheres que transportam a experiência das movimentações feministas das décadas de 1960 e 1970 e uma nova geração de mulheres marcada pelas lutas alterglobalização. Mas as acções das jovens ganham espaços de autonomia e até de alguma conflitualidade com um pensamento feminista mais clássico. Foi o que aconteceu na Assembleia Europeia de Mulheres realizada no âmbito do FSE em Paris, em 2003, quando um grupo de jovens da "next generation" se apropriou dos microfones reivindicando a legalização da prostituição.

Poderemos falar de uma nova vaga dos feminismos, neste momento?

Cremos ser ainda cedo para um tal conclusão. É um facto que existem factores novos nos caminhos dos feminismos, a nível mundial. Mas a realidade é muito diferente de país para país, de região para região.

Os efeitos da globalização neoliberal sobre a vida das mulheres tem vindo a reforçar aspectos significativos do patriarcalismo como a divisão entre público e privado, a "naturalização" da mulher como suporte dos cuidados com a família, perante a diminuição dos serviços públicos e o desemprego crescente, a mercantilização de todos os aspectos da vida, com particular destaque para o tráfico de mulheres que sustenta fortes redes financeiras internacionais, o fundamentalismo de todos os tons que impede as mulheres de disporem dos seus corpos e de optarem por uma maternidade consciente ou que apedreja mulheres até à morte por romperem códigos de conduta medievais. Esta situação tem vindo a despertar resistências como já vimos.

A emergência de novos sectores feministas e a maior ligação das lutas das mulheres em redes internacionais são também sinais novos que devem ser aprofundados numa análise mais localizada e distanciada no tempo.

Mulheres que têm tido grande protagonismo na Marcha Mundial de Mulheres como a italiana Nadia De Mond e a holandesa Charlot Pierik são cautelosas quando afirmam: " Ainda é muito cedo para falar de uma 3ª vaga feminista, apesar do grande desejo para que tal ocorra, sobretudo por parte das mulheres que estiveram activas na segunda vaga do feminismo. Apesar das amplas mobilizações mundiais alterglobalização e contra a guerra, o movimento feminista ainda não envolve uma nova geração de mulheres nem uma mobilização tão significativa. Há alguns sinais nesse sentido, mas ainda são só sinais".⁴⁷

BIBLIOGRAFIA

ALVAREZ, Sonia E., "Um outro mundo é possível (também feminista...) é possível: construindo espaços transnacionais e alternativas globais a partir dos movimentos", in *Estudos Feministas*, CFH/CCE/UFSC, volume 11, nº 2/2003, p. 533-540.

BRAIDOTTI, Rosi (2002), "A diferença sexual, como um projecto político nómada", in MACEDO, Ana Gabriela, *Género, Identidade e Desejo*, Lisboa, Livros Cotovia, pp.143-160.

⁴⁷ Extractos de entrevista realizada em Fevereiro de 2004 quando da reunião da Coordenadora Europeia da MMM em Portugal

- CASTELLS, Manuel (2003), *A era da informação: economia, sociedade e cultura- o poder da identidade*, vol.II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, p. 211.
- DEBOUZY, Marianne, "Les Marches de protestation aux États-Unis (XIX-Xxème siècles)", in *Le Mouvement Social*, n° 202, Janvier-Mars, 2003, pp.15-41.
- FRASER, Nancy, "A justiça social na globalização: redistribuição, reconhecimento e participação", in *Revista Crítica das Ciências Sociais*, Outubro, 2002, pp.7-20.
- YOUNG, Iris, Marion, "O género como serialidade, pensar as mulheres como um colectivo social", in *Ex-Aequo*, n° 8, 2003, pp.113-119
- MAGALHÃES, Maria José (1998), *Movimento Feminista e Educação, décadas de 70 e 80*, Oeiras, Celta Editora.
- MAGALHÃES, Maria José, "Em torno do conceito de agenda feminista", in *Ex Aequo*, n° 7, APEM, Celta, 2002, pp. 189-198.
- MANSBRIDGE, Jane (1995), "What is the Feminist Movement" in Ferree e Martin (cords) pp.27-34.
- MARTINS, Susana da Cruz, "Associações e Modos de Acção Colectiva no âmbito dos Novos Movimentos Sociais", Dissertação de Mestrado na área da "Comunicação, Cultura e Tecnologia da Informação", ISCTE, Orientação de António Firmino da Costa, Junho / 2001.
- MELLUCI, Alberto (1995), "The new social movements revisited: reflections on a sociological misunderstanding", in Louis Maheu (org.) *Social Movements and Social Classes-The future of Collective Action*, London, Sage Publications, pp.107-119.
- AHMED, Sara, Jane Kilby, Celia Lury, Maureen McNeil e Beverly Skeggs (2000) "Introduction", in AHMED, Sara, Jane Kilby, Celia Lury, Maureen McNeil e Beverly Skeggs (2000) *Transformations. Thinking Through Feminism*, Londres: Routledge.
- NOBRE, Miriam, FARIA, Nalu, "Feminismo em movimento: temas e processos organizativos da Marcha Mundial de Mulheres no Fórum Social Mundial", in *Estudos Feministas*, CFH/CCE/UFSC, volume 11, n° 2/2003, pp. 623-631.
- OFFE, Claus (1985), "New Social Movements: challenging the boundaries of institutional politics", in *Social Research*, vol. 52, n° 4, pp.817-868.
- PIGENET, Michel e TARTAKOWSKY, Danielle, « Les Marches en France aux XIX-Xxème siècles, récurrence et métamorphose d'une démonstration collective, in *Le Mouvement Social*, n° 202, Janvier-Mars, 2003, pp. 69-94.

- RODRIGUES, Maria Eugénia Rodrigues (2000), "Globalização e Ambientalismo",
Dissertação de Mestrado sob orientação de Boaventura Sousa Santos,
Universidade de Coimbra.
- SANTOS, Boaventura, Sousa (1991), "Subjectividade, cidadania e emancipação",
Revista Crítica das Ciências Sociais, 32, pp. 135-191.
- SOUSA, Boaventura de Sousa (1995), *Towards a new common sense- law, science and
politics in the paradigmatic transition*, London, Routledge.
- SANTOS, Boaventura Sousa, "Os processos de globalização", in *Globalização,
fatalidade ou utopia?*, Porto, Afrontamento, 2001, pp.31-106.
- TAVARES, Manuela (2000), *Movimentos de mulheres em Portugal – décadas de 70 e
80*, Lisboa, Livros Horizonte
- TOURAINÉ, Alain (1982), *Pela Sociologia*, Lisboa, Publicações D. Quixote.
- TOURAINÉ, Alain (1999), *Como sair do Liberalismo*, Lisboa, Terramar.
- VARGAS, Virginia, CELIBERTI, Lilian, "Feministas en el Foro", in *Estudos
Feministas*, CFH/CCE/UFSC, volume 11, nº 2/2003, pp. 586-598.
- WASSERMAN, Gilbert, « Comment gérer les divergences et les différences ? », in *Où
va le mouvement altermondialisation ?*, Paris, La Découverte, 2003, pp.9-19.
- CARVALHO, Carolina e colegas (2003) "jk" in Carmo Marques e colegas (2003) *Um
Olhar sobre os Feminismos : Pensar a Democracia no Mundo da Vida*, Edições
UMAR.
- NOGUEIRA, Conceição e Sofia Marques da Silva (2003) "Introdução", in Carmo
Marques e colegas (2003) *Um Olhar sobre os Feminismos : Pensar a
Democracia no Mundo da Vida*, Edições UMAR.